

CLASSIFICAÇÕES RACIAIS DENTRO DO RAP: CATEGORIAS RACIAIS MOBILIZADAS DENTRO DA DISCOGRAFIA DO GRUPO RACIONAIS MC'S

Palavras-Chave: Classificação Racial; Categorias Raciais; Racionais Mc's.

Autor: Samuel Vicente Dias de Freitas, IFCH – UNICAMP
Orientador: Prof(º). Dr(º). Matheus Gato de Jesus, IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO

O Racionais Mc's são pioneiros no rap nacional e possui relevância política e artística, caracterizando-se como núcleo cultural deste gênero musical na observação das tendências, sentidos e significados das categorias raciais dentro de sua discografia. Dentre as temáticas abordadas pelas letras estão o cotidiano periférico da capital paulista (D'Andrea, 2013; Vieira e Santos, 2023). O objetivo geral é identificar quais são as classificações raciais mobilizadas dentro do movimento rap, tomando o grupo Racionais Mc's como amostra principal a ser analisada. Especificamente, é preciso a) analisar as letras de Racionais Mc's e entender qual o seu significado; b) verificar se há categorias raciais presentes nas músicas; c) entender qual é o significado que essas classificações raciais expressam nas letras do grupo e por fim d) comparar as classificações raciais encontradas nas produções musicais ao longo do tempo a fim de buscar padrões sociais nas letras. A pesquisa será de natureza quanti-quali a partir de uma análise comparativa entre o modelo criado através da metodologia de análise de discurso, com a quantificação e tratamento das categorias raciais encontradas.

Na quantificação das músicas dos Racionais – que compreendem o período de 1990 a 2014 – foram encontradas diversas categorias raciais em suas letras de rap, de modo que a metodologia da análise de discurso pode contribuir para a compreensão dos diferentes significados atribuídos às elas pelos rappers paulistas diante dos respectivos contextos. Considerando-se que o gênero do rap e sua riqueza de temáticas propicia um campo empírico vasto para a identificação e análise das classificações raciais, é possível delimitá-lo para a observação de tendências e transformações do mundo social, além dos fatores que implicam na classificação de determinadas categorias predominantes em detrimento de outras. Tem-se como hipótese de que o modo como se dão as classificações raciais está mudando, ocasionando na utilização de terminadas categorias em preferência a outras.

Edward Telles (2012), diz que as raças funcionam com base em como as identidades raciais são construídas, e a partir dessas identidades, esses grupos sociais são classificados de acordo com as categorias disponíveis para tal classificação. Telles diz que a ambiguidade do sistema de classificação racial brasileiro surge das próprias categorias, pois elas seguem ao menos três formas de classificação distintas entre si. A primeira que ele elenca é a feita pelo Estado, por meio das pesquisas censitárias. A segunda é a classificação popular que é composta por inúmeras categorias, inclusive a categoria “moreno” – categoria de grande amplitude de significados. E por fim, a classificação do movimento negro, que se concentra em uma bipolaridade entre as categorias “negro e “branco”.

Em Luiz Campos (2013), é possível ver a variação das categorias raciais ao longo do tempo. No censo de 1872 é questionada a “raça” do entrevistado, e as categorias disponíveis são “preto”, “pardo”, “branco” e “cabocla” e no de 1890 se mantém “raça” como pergunta, mas a categoria “pardo” é substituída por “mestiço”. Em 1920 a questão se ausenta do censo, e em 1940 a questão volta, mas agora se referindo a “cor” do

entrevistado, e são utilizadas apenas as categorias “preto”, “branco” e “amarelo”. Em 1950 e 1960 se mantêm as categorias anteriores, com o adicional de “pardo”. Contudo, em 1970 a questão se ausenta novamente e o autor atribui ao contexto da ditadura militar esse fato. Em 1980 ela retorna, com as mesmas categorias de 1960. Por fim, em 1991, 2000 e 2010 a pergunta se refere à raça/cor e tem as categorias “preto”, “branco”, “pardo”, “amarelo” e “indígena”.

Com relação a classificação popular, um exemplo clássico é o recenseamento de 1976 que a pergunta sobre raça é aberta, e foram encontradas 136 categorias raciais, desde as mais tradicionais como as já mencionadas até como “roxo”, “cor de burro quando foge”, “castanho” e etc. Demonstrando assim uma certa “confusão” ou até uma negação da identidade étnico-racial do país (Moura, 2020). Contudo, Telles (2012) ainda diz que mesmo assim a maior frequência de categorias utilizadas, 95% dos 82.577 entrevistados, se concentra em seis das 136. Uma delas é moreno que pode significar desde uma pessoa de tez branca e de cabelo preto/castanho, alguém miscigenado ou uma pessoa negra retinta, sendo essa categoria muito ampla e utilizada muitas vezes como forma de conter conflitos raciais.

Por fim, a classificação do movimento negro é a mais recente das três, e se dá em um contexto muito específico de pesquisas robustas quantitativas sobre condições econômicas e sociais do grupo de “não-brancos” que foram levantadas pelos sociólogos e demógrafos Nelson do Valle Silva e Carlos Hasenbalg. Ao analisar a renda, nível educacional e condições de acesso a trabalho dos grupos de “pretos” e “pardos” foi constatada a grande similitude desses dois grupos, e a discrepância gigantesca em relação ao grupo de “brancos”, com isso os pesquisadores aglutinaram essas duas categorias em “não-brancos”. O movimento negro que já lutava pela identificação e orgulho dos negros decide transformar a categoria “não-brancos” em “negros”, percebendo que era uma categoria racializada e por isso tinham os piores indicadores econômicos sociais. Com isso, se cunhou a categoria política de “negro” como a somatória de pretos e pardos (Luiz Campos, 2013).

Isto posto, este projeto pretende comprovar a seguinte hipótese: o modo de classificação racial está mudando e isso implica na maior ou menor utilização de determinadas categorias raciais ou até no seu desuso, pois os grupos sociais têm se classificado atualmente levando em conta não só “cor da pele” e “traços físicos” – como era observado por Oracy Nogueira (2007) sobre o racismo brasileiro se referir a marca, e não a origem, como dos EUA – mas a “origem familiar e de antepassados”, “cultura e tradição”, “origem sócio-econômica” e “opção política /ideológica” tem sido fatores relevantes na hora da autoclassificação, como demonstra Antônio Sérgio Guimarães (2011), e tendo em vista também que “cor da pele” tem uma relevância muito maior dado a perda de enraizamento das teorias de embranquecimento. Este objeto se limita ao estado de São Paulo, logo, não pode falar por todas as regiões do Brasil e nem por todo o rap nacional, contudo, ainda sim é um bom recorte para criar um modelo comparativo e pertinente para se fazer generalizações e/ou replicações do estudo em outras localidades e contextos a partir das letras de rap.

METODOLOGIA

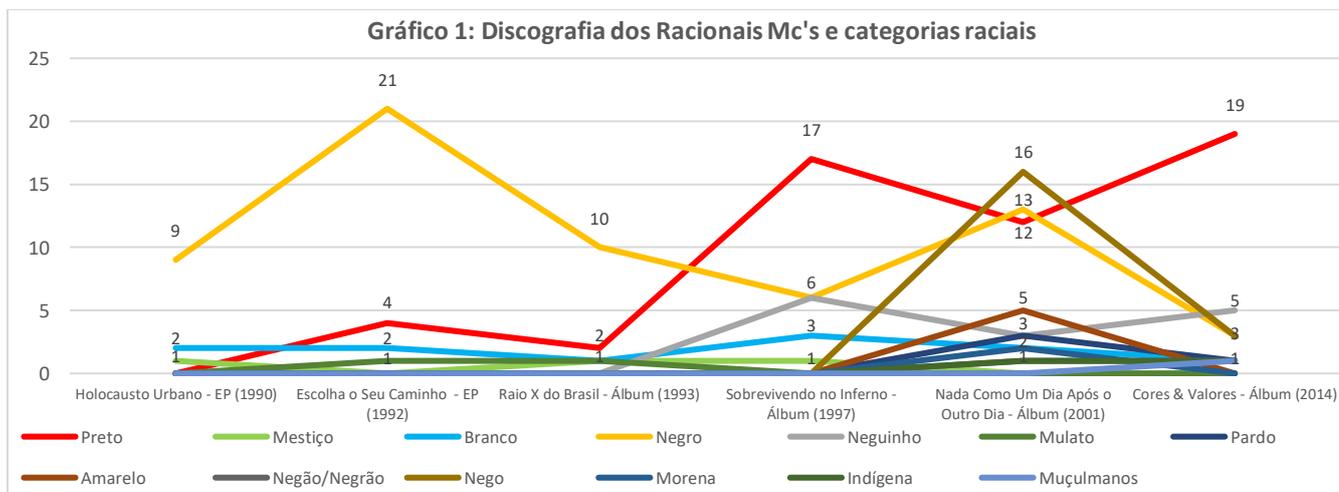
Foi preciso escolher as músicas do grupo a serem analisadas os seus discursos. A discografia do Racionais Mc’s é muito vasta, tendo isso em vista, se deu preferência aqui para os EPs, singles e álbuns, e não para as produções “ao vivo”, regravações, compilados/recompilados e as coletâneas, pois elas não traziam nada de novo do ponto de vista das letras – trazem muitas novas nuances do ponto de vista da interpretação artística. Dentre as obras selecionadas estão: Holocausto Urbano (1990); Escolha o Seu Caminho (1992); Raio-X Brasil (1993); Sobrevivendo no Inferno (1997); Nada como um dia após o outro dia (2002) e Cores e Valores (2014). Também se adicionou dois singles da discografia, Mil Faces de um Homem Leal (2014) e Mente de um Vilão do álbum Racionais (2013) que é a única “novidade” que o álbum traz. Isto posto, as análises serão feitas em cima dessas obras escolhidas que compreendem o período de 1990 a 2014. É importante também definir quais são as diferenças entre EP, single e álbum e como isso influenciou na análise

dos dados obtidos. As categorias encontradas foram tratadas, compiladas e analisadas a fim de serem representadas graficamente.

Um single é uma produção fonográfica que pode conter até três músicas, não ultrapassando a margem de tempo de 30 minutos. Um EP – "Extended Play", ou seja, um "Formato Estendido" – é uma produção intermediária, que é grande demais para ser um single, mas não o suficiente para se tornar um álbum, e ela conta com cerca de quatro a seis faixas, e também totaliza no máximo 30 minutos. E por fim o álbum é uma "Long Play" – um "Formato Longo" – que é uma obra mais bem acabada e com um maior nível de complexidade, que geralmente tem de sete a quinze faixas com uma duração de 45 minutos à 1 hora, na maioria dos casos (Noronha, 2023). Entender essa divisão e qualificação das produções fonográfica foi importante na hora de escolher como analisar os dados das classificações raciais. A primeira produção – Holocausto Urbano (1990) – do grupo de rap é um EP de seis faixas, e a segunda – Escolha o Seu Caminho (1992) – também é um EP, mas com quatro faixas, e dessas faixas existem três músicas que contém a mesma letra, o que muda é a versão – tem a versão "Rádio", "Baile" e "Capela". Ou seja, é um EP que contém na prática duas músicas – pensando a partir da não repetição das letras – e que para a análise pode ser considerado como um single.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

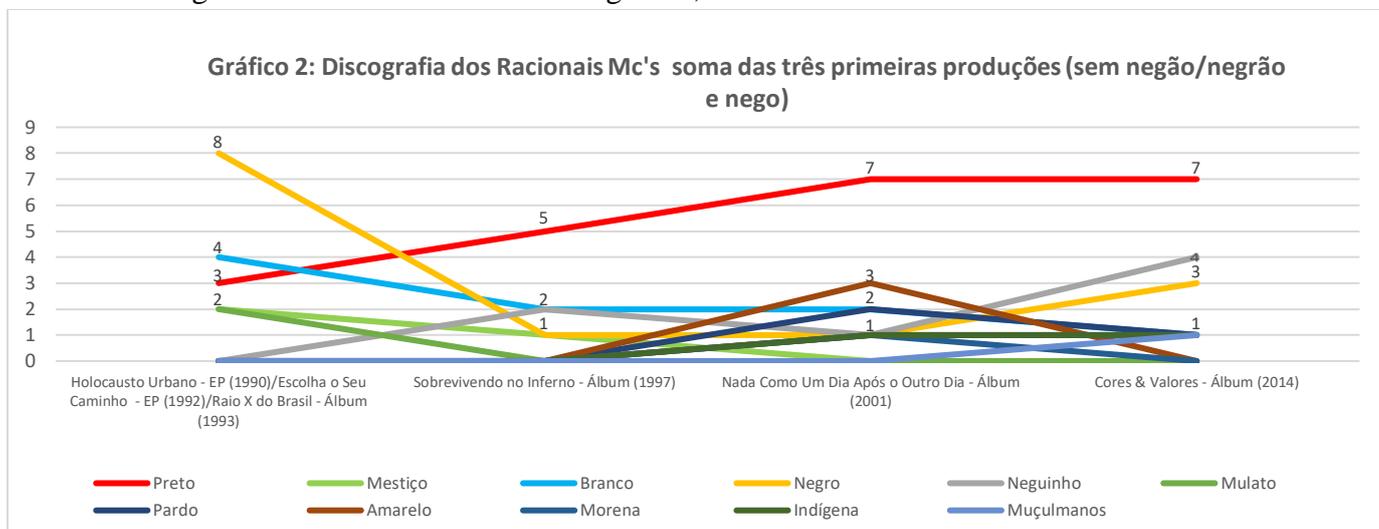
Na análise das músicas nesse trabalho de IC foram encontradas treze categorias raciais dentro de toda a discografia do grupo de rap – como demonstra o Gráfico 1. Sendo elas: preto, mestiço, branco, negro, mulato, pardo, amarelo, negão/negrão, nego, moreno, indígena e muçulmano. É possível ver no gráfico que as categorias raciais vão variando de produção para produção, e pretende-se, com esse trabalho, entender esse movimento de mudança, sociologicamente. Essas classificações encontradas correspondem aos três tipos de classificação elencadas por Telles (2012): censitária, popular e do movimento social.



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica (IC) do autor financiado pela bolsa PIBIC - UNICAMP.

A escolha do gráfico de linhas foi por que ele melhor representava as categorias e tendências ao longo do tempo, ou seja, desde o primeiro EP lançado em 1990 até o último álbum lançado em 2014. Esse gráfico é importante analiticamente, contudo, ele apresenta alguns problemas de interpretação que podem induzir ao erro e por isso foi feito um tratamento e refinamento das variáveis desse gráfico. Um dos problemas é que ele mensura as frequências absolutas das músicas, o que privilegia músicas que mencionam as categorias raciais de forma exaustiva, como é o caso de algumas categorias que aparecem nos refrões das músicas – parte essa que tem por característica ser repetida várias vezes ao longo da música. Outro problema foi a quantidade desigual de faixas em cada produção, o que poderia enviesar a comparação entre as produções – como já foi explicado sobre a diferença entre a quantidade de faixas de um EP, álbum e um single. Quanto as categorias "Nego", "Negão/Negrão", "Neguinho" e "Negro", a princípio, elas poderiam ser aglutinadas em uma só, pois poder-se-ia considerar como variações da categoria "Negro", o que não é verdade. Cada uma delas adquire

um sentido que lhe é próprio e contextual relativo à música e ao seu conteúdo, por isso elas foram separadas, mas chamo a atenção – por enquanto – para “Nego” e “Negão/Negrão”. “Nego” foi utilizada muito como um recurso linguístico de vocativo, de chamamento e de sinalização, já “Negão/Negrão” no sentido do aumentativo de negro, mas para indicar alguém de pele escura que pode ser alto ou grande e não da categoria política negro que é a somatória de pretos e pardos. Isto posto, esses pontos foram considerados e um novo e mais refinado gráfico – também de linha – foi gerado, este é o Gráfico 2.



Fonte: Resultado do trabalho de Iniciação Científica (IC) do autor financiado pela bolsa PIBIC - UNICAMP.

O Gráfico 2, já com a aglutinação das três primeiras produções que será tomada como uma só, possui uma quantidade de faixas a ser compara que é a seguinte: 15 faixas na somatória das três primeiras produções (Holocausto Urbano - EP (1990)/Escolha o Seu Caminho - EP (1992)/Raio X do Brasil - Álbum (1993)), 12 faixas no Sobrevivendo no Inferno - Álbum (1997), 21 no Nada Como Um Dia Após o Outro Dia - Álbum (2001) e 15 no Cores & Valores - Álbum (2014). Eles têm relativamente a mesma quantidade de faixas em cada uma das produções o que torna a comparação das categorias encontradas mais equilibrada e justa – apenas o no Nada Como Um Dia Após o Outro Dia destoa bastante dos outros três. Assim, se adotou também apenas uma vez que categoria aparecia em cada faixa para resolver o problema das extremas repetições. Também foram retiradas as categorias “Nego” e “Negão/Negrão” por não serem consideradas tão relevantes – em sentido e não numericamente – para a construção do gráfico e para a comparação das produções.

Logo, algumas observações preliminares puderam ser notadas: 1) A categoria “negro” é extremamente relevante no contexto dos anos 90, e categoria preto tem quase o mesmo peso que “branco”, “mestiço” e “mulato”, contudo ela vai perdendo a sua usualidade ao longo das produções e em contra partida a categoria preto ascende, a ultrapassando, e se mantém estável nas duas últimas produções; 2) a categoria branco tem um grande destaque na primeira produção, mas diminui muito na última produção; 3) a categoria “mulato” e “mestiço” tem um sentido pautado na miscigenação e faz referencia a uma certa indolência, imoralidade e sexualização, mas também a uma apaziguamento dos conflitos raciais; 4) categorias como “amarelo”, “indígena” e “pardo” vão ser mais destacadas na produção de 2001 com a inserção delas, algumas pela segunda vez, no censo de 2000; 5) a categoria “pardo” sempre vem atrelada, contextualmente, a categoria negro e a somatória de pretos e pardos que a compõem, por vezes essas duas categorias vem acompanhadas na mesma música e se referindo como uma autotclassificação do rapper Mano Brown; 6) “neguinho” é uma categoria dupla em sentido, por hora podendo significar um qualquer, um inferior e/ou um ser apático que atribui a sentidos negativos, e de outros lado um sentido mais carinhoso, pois está palavra no diminutivo carrega também um lado afetivo; 7) “moreno” é uma categoria que não é utilizada como autotclassificação pelos rappers, mas sim a mulheres e ela aparece apenas uma vez e 8) “muçulmano” é uma categoria que é uma pouco estranha ao contexto brasileiro, mas a utilização dela é explicada dado o contexto de gravação do último álbum que foi nos Estados Unidos e ao ataque terrorista do 11 de setembro de 2001 as torres gêmeas.

CONCLUSÃO

Assim, pode-se ver com esses dois gráficos que as categorias utilizadas contemplam os três modos de classificação racial que Telles (2012) descreve. O rap se mostra assim um bom campo de investigação para as classificações raciais. Para Carneiro (2013, p. 33) esses jovens cantavam em suas músicas sobre o “que mais afligem seu cotidiano, como violência, drogas, exclusão social, exercício protegido da sexualidade, paternidade e maternidade responsáveis, discriminação racial”. Esse cotidiano é atravessado significativamente pelo racismo e as suas mais diversas manifestações, por isso essa temática é muito presente.

As categorias que mais estão em destaque são “negro” e “preto”, e isso faz sentido dentro do contexto das músicas se referirem ao cotidiano periférico de quatro músicos autodeclarados negros – sejam eles pretos ou pardos. Essas categorias apresentam diferentes significados ao longo da discografia dos músicos e tendência de uso da categoria política “negro” vai caindo dentre as produções, o que – confrontado com a bibliografia de Guimarães, 2011; Carneiro, 2011; Rose, 2021; Arruda; Silva e Santos, 2023 – pode significar quatro aspectos dessa mudança: 1) a influência do rap norte americano no rap brasileiro e a tradução da categoria “black”, que no limite significa “preto”, para negro pode ter dado uma certa margem para essa ambiguidade e o fortalecimento da categoria preto que por vezes já foi considerada pejorativa pelo movimento negro; 2) os acordos político antes construídos neste empenho político de junção de pretos e pardos podem estar se afrouxando; 3) o rap pode estar se autonomizando em relação as pautas do movimento negro e por isso essa categoria está diminuindo de utilização e por fim 4) como a categoria negro abrange um espectro muito grande de tonalidades de cores, logo, pode haver dentro do grupo uma necessidade de diferenciação que exalte o “preto”, ou seja, o mais retinto ou o mais escuro para definir os limites do grupo.

Outro ponto é que algumas categorias podem estar caindo em desuso ou se reformulando em torno de outra categorias, como é o caso das categorias mestiço e mulato, que antes faziam parte de um imaginário nacional e da construção da identidade nacional brasileira e também símbolo da democracia racial brasileira e do embranquecimento. Essas categorias, assim como moreno, foram fortemente repelidas pelo movimento negro que afirmava o seu descomprometimento com o debate racial e o enfrentamento do racismo brasileiro que tem por forte característica a negação desta opressão e da sua existência. Portanto, analisando a vastidão das categorias encontradas e os seus respectivos sentidos ajudam a comprovar a hipótese de que o modo e os fatores que tem influenciado nas classificações raciais pode estar mudando e influência na utilização de determinadas categorias disponíveis – sendo atento mais especificamente ao contexto paulista.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Luiz. O Pardo como dilema político. Insight/Inteligência, ed. 63, 2013.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

D’ANDREA, Tiarajú. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: FFLCH, 2013.

GUIMARÃES, Antônio. Raça, cor, cor da pele e etnia. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 20, n. 20, 2011.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. Editora Perspectiva, 2020.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Tempo social, v. 19, 2007.

NORONHA, Marcos. Qual é a diferença entre EP, álbum e single?. GSHOW, [S. l.], p. 1, 14 jun. 2023.

Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/pop/noticia/qual-e-a-diferenca-entre-ep-album-e-single.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2023.

TELLES, Edward. O significado da raça na sociedade brasileira. 2012.

VIEIRA, Daniela e SANTOS, Jaqueline Lima (orgs.). Racionais MC's: entre o gatilho e a tempestade. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ROSE, Tricia. Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. São Paulo: Perspectiva, 2021.

ARRUDA, Clodoaldo; SILVA, Ildslaine; SANTOS, Jaqueline. PROJETO RAPPERS: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro – História & Legado. São Paulo: Perspectiva, 2023.